

ENQUANTO AS EMPRESAS E FAZENDEIROS ENRIQUECEM O POVO COME VENENO!

O AGRONEGÓCIO

Nos últimos anos, a produção da agricultura brasileira vem sendo dominada por um novo modelo econômico que ficou conhecido como agronegócio. Ele é mais do que uma palavra, representa um modelo de produção agrícola que se caracteriza por organizar a produção dos bens agrícolas em grandes extensões de lavoura em fazendas de grandes proprietários.

Lá, eles se especializam num produto, como soja, arroz, cana e, portanto, aplicam a monocultura. Para que uma lavoura seja especializada num só produto, eles precisam aplicar muito veneno para matar todas as demais formas de vida vegetal (pequenas ervas e outras plantas) e vida animal, como bactérias.

Também, por serem grandes fazendas, preferem usar máquinas agrícolas a contratar mão-de-obra. E a maior parte de sua produção é destinada para a exportação. Esse tipo de produção está tomando conta da agricultura em todo o país, estimulado pelos bancos, pelo governo, e com uma forte representação no Congresso brasileiro, aqui em Brasília - a chamada bancada ruralista, que defende seus interesses no Legislativo. E possui também muitos vínculos com o poder Judiciário em todo o país e aqui em Brasília.

Além disso, como usam muitos insumos das indústrias (fertilizantes químicos, venenos, sementes transgênicas) e depois vendem para o mercado externo, eles estão aliados com grandes empresas transnacionais, como a Cargill, Bunge, ADM, Dreyfuss, Monsanto, Syngenta, Bayer, Basf e Shell Química, Massey Ferguson, Fiat e New Holland/Ford. Essas empresas são, na verdade, as que ganham mais dinheiro com a produção agrícola brasileira, porque ganham dinheiro vendendo os adubos, venenos, máquinas, e ganham dinheiro depois, controlando a venda dos produtos no exterior. Portanto, as maiores margens de lucro ficam com eles.

CONSEQUÊNCIAS DESSE MODELO PARA O POVO BRASILEIRO

1. ECONÔMICAS: Quantas vezes você ouviu os deputados aqui em Brasília dizerem que o agronegócio sustenta o Brasil? Muitas. Mas é uma falácia. Veja, o agronegócio produz ao redor de 120 bilhões de reais por ano, em produção. Mas para produzir isso, o governo terá que emprestar a eles, só neste ano, R\$ 97 bilhões, subsidiando juros e usando dinheiro de todo povo. Portanto, é o contrário: o povo brasileiro é que está sustentando os fazendeiros do agronegócio. Achar que exportar matérias primas desenvolve o país é outra mentira.

O Brasil usa mais de 200 milhões de hectares de suas terras para criar 240 milhões de cabeças de boi, em pecuária extensiva. A maior parte dessa carne é exportada e rende ao país US\$ 5 bilhões de dólares apenas. Já uma única fábrica de aviões e peças, como a EMBRAER em São José dos Campos (SP), tem 7 mil operários e exporta, por ano, a mesma coisa! Sem contar que a pecuária extensiva desmata o cerrado e a Amazônia, e desequilibra o meio ambiente através do gás butano expelido pela concentração do esterco dos animais, que afeta inclusive a camada de ozônio terrestre, pois não há tanto boi junto em nenhuma outra região do planeta. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, existem 52 cabeças de boi por pessoa!

2. AMBIENTAIS: Esse tipo de agricultura destrói o meio ambiente. Derruba a floresta. Derruba o Cerrado. Já destruiu 40% de todo o Cerrado no Centro-Oeste, que é o verdadeiro nascedouro, reservatório das três principais bacias hidrográficas do Brasil. As bacias do rio Tocantins, do São Francisco e do Paraná nascem aqui na região e estão em perigo. O monocultivo desequilibra porque não convive com nenhuma outra planta. Por isso, na região de monocultivo de cana, por exemplo, como Goiás e São Paulo, a temperatura média aumentou 3 graus em comparação com outras regiões iguais, mas sem cana.

3. ALIMENTOS CONTAMINADOS: O uso intensivo de agrotóxicos pelo agronegócio transformou o Brasil, nesse ano, no maior consumidor mundial de venenos agrícolas. O agronegócio gasta, por ano, (financiado por nosso dinheiro) US\$ 7 bilhões, ou R\$ 14 bilhões, somente em venenos. A indústria de veneno se orgulha e faz propaganda, mas esse veneno todo - à base de glifosato ou DDT - destrói o solo, seus nutrientes, contamina a água do lençol freático, vai para atmosfera através dos venenos secantes que evaporam, e vai parar no nosso estômago, através dos alimentos. Os produtos que mais usam venenos são a soja, o arroz, a cana e o milho, em quantidade por hectare. E a ANVISA (órgão do Ministério da Saúde) já alertou à população brasileira que temos, no mercado, cerca de 20 produtos não recomendados para a alimentação humana - entre eles a batata, a maçã, o moranguinho e o mamão - pois possuem alto índice de contaminação por produto. Todos os cientistas nos alertam do aumento da incidência de câncer, originário dos venenos dos alimentos. As pessoas estão sendo afetadas cada vez mais com menor idade. Na criação dos animais de forma intensiva, como aves e suínos, usam os hormônios e anabolizantes para aumentar o crescimento. Eles também vão para o organismo humano. A imprensa toda denunciou que a origem da atual gripe suína, que já matou milhares de pessoas em todo o mundo, foi no criatório de porco com milhares de animais juntos, por uma empresa multinacional no México. No Mato Grosso, uma pesquisa da Universidade Federal detectou três vezes mais abortos naturais nos municípios em que predomina a soja do que

em outras cidades. Situação provocada pela inalação de venenos agrícolas, inclusive pela população da cidade. Mas, como o governador é o maior produtor de soja do mundo, ninguém fala nada.

4. SEMENTES TRANSGÊNICAS: As empresas transnacionais como Bayer, Monsanto, Syngenta estão empurrando sementes transgênicas de milho, soja, algodão, porque cobram royalties e obrigam os fazendeiros a usarem seus venenos combinados com a semente. Mas, a cada dia, surgem novas denúncias em todo mundo sobre efeitos colaterais negativos dessas variedades transgênicas para o meio ambiente, para a alimentação animal e humana. Mentiram que era mais produtiva do que as nossas, mas na verdade é apenas para vender mais e ter o controle das sementes. Antes da liberação da soja transgênica, em 2003, havia no Rio Grande do Sul mais de 40 variedades locais. Hoje só tem uma, a soja “Roundup”, que os gaúchos têm que pagar royalties para a Monsanto.

5. O DESEMPREGO E O EXÔDO RURAL: O fazendeiro não tem nenhum interesse em dar emprego e moradia para os trabalhadores rurais. Ao contrário, trata de usar máquinas e contratar o menos possível, apenas nos períodos de safra. Com isso, é gerado desemprego no campo e êxodo rural, e o povo brasileiro precisa migrar para as cidades. Aqui mesmo, em Brasília, basta percorrer as cidades satélites e seus bairros e ver que todo dia chega gente do interior. Goiás diminuiu drasticamente a população no meio rural, depois que se expandiu o agronegócio da cana, da soja e do milho.

6. E PARA ONDE VAI TODA ESSA RIQUEZA? Mesmo que eles digam que estão produzindo muito, para onde vai essa riqueza? Uma parte vai para os fazendeiros e a maior parte para as empresas transnacionais. Ninguém aplica mais nos municípios do interior, levam o dinheiro pro exterior ou para as grandes capitais, o que vai aumentando a diferença social entre o interior as cidades. A riqueza da agricultura não é aplicada em favor do povo e dos municípios do interior. Pior: você sabia que desde a Lei Kandir, do governo FHC, as exportações agrícolas não pagam mais nenhum centavo de ICMS e, com isso, a renda das prefeituras e dos governos estaduais em que predomina a agricultura está cada vez pior?

QUAL A SOLUÇÃO PARA TUDO ISSO?

1. Os movimentos sociais do campo, organizados na Via Campesina, no Fórum Nacional de Luta pela Reforma Agrária, no MST, achamos que há uma saída muito melhor para o povo brasileiro: nós organizarmos a agricultura baseada no modelo camponês da agricultura familiar.

2. Nesse modelo, se organiza a produção agrícola baseada numa agricultura diversificada, em que um produtor planta diversos produtos e assim a natureza fica em equilíbrio e não precisa usar venenos.

3. Um modelo que priorize a produção de alimentos, saudáveis, e para o mercado interno. Primeiro precisamos garantir comida boa e para todo povo brasileiro, e depois vender para o mercado externo. E mesmo assim beneficiado, para gerar mais emprego.

4. Precisamos organizar agroindústrias na forma de cooperativas em todo interior, para beneficiar os produtos, gerar emprego, entre a juventude, aumentar a renda do povo e impedir o êxodo rural.

5. Precisamos conservar, valorizar e multiplicar nossas próprias sementes. As sementes não podem ser propriedade privada de nenhuma empresa. As sementes são da humanidade. Alguém pode se dizer dono do milho? Da soja? Do feijão?

6. Uma agricultura que respeita a floresta. Nós já temos terra suficiente para todo mundo e para produzir muita comida. Não precisamos mais derrubar nenhuma árvore. Nem na Amazônia, nem no Sul, nem aqui no Cerrado.

7. Uma agricultura que use outras técnicas de produção agrícola, que a humanidade foi desenvolvendo nos seus milhares anos, que é a agroecologia. Não precisamos usar venenos. Isso é uma invenção das empresas industriais dos Estados Unidos e Europa, depois da Segunda Guerra Mundial, para ganhar dinheiro apenas. Mas estão ganhando dinheiro à custa da natureza, do clima e de nossa saúde.

8. A reforma agrária é uma forma de combater a concentração da propriedade da terra nas mãos de uns poucos fazendeiros, distribuir a terra - que é um bem de todos - para quem quer trabalhar e morar no interior, e ao mesmo tempo reproduzir um novo modelo agrícola de produção sadia de alimentos.

9. Para que esse modelo seja predominante, é preciso que o governo federal crie vergonha e passe a priorizar esse tipo de produção em vez do agronegócio. É preciso que os parlamentares assumam suas responsabilidades e estejam ao lado dos verdadeiros agricultores e do povo. E que o dinheiro público seja usado para isso.

Por isso, estamos aqui em Brasília nos manifestando, protestando contra o agronegócio, e defendendo um novo modelo agrícola que interessa não só aos sem-terras e aos pequenos agricultores, mas a todo povo brasileiro!

Basta de enganar o povo.

Por um novo modelo de agricultura!

Precisamos de reforma agrária verdadeira.

Brasília, agosto de 2009.